

## Relato de Experiência

### Uma família para quem não tem família



Ruth Gelehrter da Costa Lopes  
Leonice Martins Sapucaia

*“Pensei que nunca mais ia ter uma família, agora vocês são minha família”*

**E**sta breve fala é de um ex-morador de rua, em processo de envelhecimento, que após permanecer nas ruas por quatro anos foi acolhido pela Missão Belém e direcionado para uma de suas diversas casas de acolhimento, revelando a filosofia desta instituição que, mais do que um teto aos moradores de rua, tem como objetivo oferecer uma nova família a quem não tem família.

A questão familiar é muito valorizada na nossa cultura e quando pensamos em novas modalidades familiares acontece “estranhamento”, pois o modelo social é a família nuclear. Segundo Sarti,

A família se define pelo seu sentido social. Assim, ela não corresponde à soma de indivíduos unidos por laços biológicos, mas pelos elementos significantes que criam os elos de sentido nas relações familiares, sem os quais estas relações se esfacelam, precisamente pela perda, ou inexistência, de sentido. (2001, p. 92)

O caso da Missão Belém é uma destas modalidades na qual os moradores, que outrora perambulavam pelas ruas, redescobrem no convívio com outras pessoas, e com histórias semelhantes à sua, o sentido de pertencer a uma família.

A história da Missão Belém começou em 2005 na Arquidiocese de São Paulo, a serviço dos mais pobres, em especial do povo de rua. Algumas casas são voltadas para o acolhimento de idosos em situação de rua que, diferentemente dos albergues, os abriga integralmente, não sendo permitida a saída sem o acompanhamento dos missionários, de modo a evitar o retorno às drogas e ao álcool.

Segundo Faco & Melchiori (2007) a família representa o espaço de socialização, de busca coletiva de estratégias de sobrevivência, local para o exercício da cidadania, possibilidade para o desenvolvimento individual e grupal de seus membros, independentemente dos arranjos apresentados ou das novas estruturas que vêm se formando.

As unidades de acolhimento funcionam como repúblicas, com divisões de tarefas e responsabilidades aos moradores que tenham condições físicas para assumir funções na cozinha, limpeza, organização da casa, higiene das roupas, gestão dos recursos doados, e, por fim, como cuidadores dos idosos.

O grande destaque destes cuidadores voluntários é que são ex-moradores de rua e, na maioria dos casos, ex-viciados em álcool e drogas, principalmente o crack, que também foram acolhidos pela Missão Belém e encontraram no trabalho um modo de retribuir pelo tratamento para sair das drogas, ao mesmo tempo em que se ocupam para continuarem longe delas e das ruas, na esperança de novas oportunidades de vida.



É interessante analisar algumas relações que se estabelecem entre os moradores das casas de acolhimento, principalmente entre os cuidadores e os idosos, em especial quanto à cultura e à memória.

Referente à cultura é preciso destacar primeiramente as crises relacionadas quanto às regras de funcionamento das casas estabelecidas pela coordenação geral da Missão e supervisionadas pelos coordenadores das casas de acolhimento. Nelas observa-se, por exemplo, um grande foco na espiritualidade por meio de rotinas diárias de orações em que todos devem participar.

É interessante destacar ainda as manifestações individuais através dos gestos, da linguagem, de atividades manuais como costura, tricô e crochê, do preparo de algum prato típico, das datas religiosas, das reações às notícias que de algum modo invadem o cotidiano por meio daqueles que tiveram oportunidade de sair para alguma tarefa, dos familiares que esporadicamente os visitam, ou dos mais novos que chegam frequentemente às casas.

Estas manifestações culturais contribuem para o resgate tanto da memória-hábito como da lembrança pura (BOSI, 1994, p.49), sendo comum observar algum idoso emocionado ao se deparar com lembranças de seu passado, por meio de um prato, de uma música ou quando da visita de familiares a outros idosos, remetendo-o à lembrança da sua família.

Conforme mencionado por Sarti (2001) os velhos são os que têm o domínio da história familiar, que vai sendo contada de uma geração a outra, identificando os familiares, e conferindo-lhes, desde pequenos, um lugar de pertinência. Porém, o que se observa no geral entre os idosos das casas de acolhimento é uma fuga quanto à memória pura, principalmente quando perguntados sobre

sua história familiar, seu passado. Normalmente são os cuidadores quem extraem, aos poucos, as informações sobre a família, profissão, origem, motivos que os levaram para as ruas, entre outros. Mas devido à situação de rua e consumo de drogas, muitas vezes este resgate demanda muito tempo e paciência por parte do cuidador.

Retomando o conceito de família, segundo Minuchin (1985, 1988) citado por Facó & Melchior (2007, p. 24),

A família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente às transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo. O sistema familiar muda à medida que a sociedade muda, e todos os seus membros podem ser afetados por pressões internas e externas, fazendo que ela se modifique com a finalidade de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros.

É interessante destacar os conflitos entre os moradores e coordenadores das casas, decorrentes da dificuldade dos acolhidos, que outrora estavam nas ruas com “toda liberdade” de horários e ações e podiam perambular por diversos lugares da cidade. Nas casas de acolhimento devem se adequar às regras rígidas das mesmas, que os impede de sair às ruas, exceto quando acompanhados por missionários ou coordenadores das casas para fins específicos como consultas e exames médicos, ou nos casos em que necessitam providenciar seus documentos, tendo em vista que muitos chegam às casas sem nenhuma identificação. Neste sentido vale destacar alguns casos em que se recusam ou temem ir em busca dos documentos devido às “dívidas com a justiça”.

Outra fonte de conflito é quanto aos rituais católicos estabelecidos nas casas de acolhimento, como os cultos, orações, estudos bíblicos, que incomodam principalmente os recém-chegados, mas que fazem parte das estratégias de acolhimento e ajuda, aos viciados em drogas e álcool, para conseguirem superar a abstinência através da religiosidade e da oração, fazendo com que alguns, em geral os mais jovens, decidam retornar às ruas após determinado período e, conseqüentemente, às drogas e ao álcool.

Entretanto, no geral, os acolhidos aceitam bem as regras que, segundo eles, precisam mesmo ser rígidas para que “não caiam na caminhada”, como costumam dizer, citando exemplos de outros que acharam estar prontos para retomar a vida, mesmo após anos longe das drogas, mas que ao saírem da missão e voltarem às suas famílias de origem ou para as ruas, acabam se envolvendo novamente com as drogas e o álcool.

No caso dos idosos que não têm muitas perspectivas em retomar suas vidas, muitos dos quais acometidos por doenças como Alzheimer e Acidente Vascular

Cerebral, em que não se consegue identificá-lo ou encontrar sua família, e mesmo quando encontradas se recusam a acolhê-los, a aceitação às regras ocorre de modo mais natural, até mesmo pela experiência de maus tratos sofridos na rua.



Cada família constrói sua própria história, e no caso das casas de acolhimento da Missão Belém a história construída diariamente é regada de muita tristeza por parte daqueles que chegam após serem acolhidos das ruas, em situações subumanas, com a saúde debilitada pelas drogas e maus tratos, mas também de muita esperança e amor ao próximo, especialmente no caso dos ex-viciados em drogas que acolhidos das ruas se dispõem a cuidar dos idosos, provendo-os de cuidados de higiene e saúde. Constitui-se, assim, um modelo de família que vale a pena conhecer.

### Referências

BOSI, Ecléa. *Memórias e Sociedade – Lembranças de velhos*. São Paulo, 3ed, São Paulo, 1994.

SARTI, C. A. A. Velhice na família atual. *Acta Paul Enf*, v.14, n. 2, pp.91-96, 2001.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, v.15, n.2, pp.11-28, 2004.

FACO, V, M. G. *Famílias de zona rural e urbana: características e concepções de adolescentes*. 2007. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências. Bauru: Universidade Estadual Paulista, pp. 24, 2007.

*Site da Missão Belém*. Disponível em <http://www.missionebelem.com/>. Acesso em 10/11/2013.

*Data de recebimento: 4/3/2014; Data de aceite: 15/5/2014.*

---

**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** – Psicóloga (PUC-SP), Mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora Associada da PUC-SP. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Gerontologia e Psicogerontologia, atuando principalmente nos seguintes temas: processo de envelhecimento, psicoterapia em grupo para idosos, velhice, família e avosidade. Email: ruthgclopes@uol.com.br

**Leonice Martins Sapucaia** – Enfermeira. Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Gestão de Serviços de Saúde – SENAC e em Enfermagem Gerontológica e Geriátrica – UNIFESP. Desenvolve trabalho de orientações para cuidadores de idosos das casas de acolhimento da Missão Belém. Email: lenisapucaia@uol.com.br